

# O mundo sem Bin Laden

» MAURÍCIO CORRÊA  
Advogado



Karl Twitchell para que pesquissasse o solo do país, na tentativa de achar água e ouro. Não encontrou nenhum dos dois. Constatou, contudo, a existência de petróleo em profusão. A descoberta ensinou, algum tempo depois, a criação da Arabian American Oil Company (Aramco). A partir daí, o país não parou mais de crescer. Mohammad vira pedreiro da companhia. Adquire a confiança dos patrões. Bom de amizades, progride.

Como a Arábia precisava de obras na construção civil, constituiu, com a ajuda da Aramco, sua própria empresa de engenharia. Consolidado o empreendimento, abre estradas e constrói pontes ligando as principais cidades da nação. Torna-se, depois do rei, o maior empreendedor e o mais rico

homem do país em que adotou como seu. Quando morreu, em 1967, numa viagem de avião, possuía 54 filhos, havidos de 22 esposas. Um conselho de gestores passou a administrar os bens do espólio, cuja organização se fez por decreto do próprio monarca Abdul. O herdeiro Bin Laden fica proibido de visitar ou viver na Arábia, em razão de práticas ideológicas contrárias ao rei. A condição de terrorista assumido afasta-o das relações de família e do Estado. É agora persona non grata do local em que nasceu. Do Afeganistão, onde vivia, transferiu-se para o Quênia. De lá comandou e orientou a destruição de embaixadas e outros bens dos EUA, inclusive de um navio ancorado na costa iemita. Seria romântico achar que a

morte de Osama não trará represálias de aliados, sobretudo para o Ocidente. Ayman Zawahiri, médico egípcio, primeiro na linha de sucessão de Bin Laden, é um dos formuladores da doutrina renovadora que propugna pela predominância islâmica universal, se é que se pode chamar essa corrente de filosofia de amor, em se tratando de religião. Pertence a família de classe média tradicional e conhecida do Cairo. São incontáveis as ações revolucionárias que tiveram a sua participação direta na capital egípcia, desde os tempos em que era jovem estudante. É convicto discípulo ideológico da Irmandade Muçulmana, fonte inspiradora do pragmatismo de ação islâmica no contexto mundial transformador. Explica-se, assim, por que pessoas tão bem situadas, entregam-se, com empenho e garra, aos riscos da aventura mística.

Afinal, por que um homem como Bin Laden, de cima dos milhões de dólares de fortuna pessoal, iria se dedicar ao sacerdócio de uma estranha causa? Por que ele, com o prestígio da família real saudita nas mãos, com o respeito da comunidade financeira internacional a seu dispor, com a fama, os negócios, as mulheres, os carros, iates e aviões, trocaria vida tão boa para viver escondido da polícia, da Justiça, de governos? Que força é essa de gente tão bem nascida que prefere os riscos da clandestinidade, e até da morte com um tiro na cabeça, a viver livre em sociedade? Só pode ser pelo fanatismo que faz a pessoa pensar que a sua crença é a verdade, quando para muitos não passa de ficção diante da ciência que revoluciona.

Não sei, confesso, se estamos próximos de nos libertarmos dos lunáticos desvairados ou se ainda temos de viver na expectativa do que vão fazer? Prefiro admitir que, apesar da aleatoriedade do que possa acontecer, estamos mais perto do fim da insegurança. A despeito das reações que possam vir, não há como deixar de enfrentá-las. Até que tudo acabe e possa o mundo ser um abrigo suportável para todos viverem.

## Uma proposta para a educação

JAIME PINSKY  
Historiador, professor titular da Unicamp e editor (jaimepinsky@gmail.com)

Nós, brasileiros, discordamos sobre muitas coisas, desde preferências futebolísticas até comida predileta. Mas há uma unanimidade nacional e esta é nossa opinião sobre o que está acontecendo com a educação. Todos achamos que ela é importante, que atualmente não é das melhores, que faz parte da infraestrutura que o país precisa melhorar; achamos ainda que um país de analfabetos (reais ou funcionais) nunca conseguirá ganhos duradouros. Já há vários anos fala-se disso e o Brasil continua oferecendo (com raras exceções, é claro) uma educação formal de muito má qualidade em todos os níveis, da primeira fase do fundamental (o antigo primário) até o curso superior.

Pior: houve nítida perda de qualidade ocorrida com a chamada democratização do ensino. A equação é clara. Anos atrás, o ensino público tinha qualidade, mas não abrangência e, ao atingir uma faixa mais ampla da população (para além da antiga classe média), perdeu em qualidade. Se pouco tempo atrás uma afirmação desse tipo encontrava contestadores, atualmente não há ninguém razoavelmente sério, dentro ou fora do governo que negue o

fato de que qualidade e quantidade não estão caminhando juntas na educação brasileira.

Para solucionar a questão, aí sim, parece haver duas linhas de pensamento bastante discordantes. De um lado, os economistas da educação, de outro os corporativos. Para os primeiros, o problema seria rapidamente resolvido com um choque de gestão. O ponto de partida deles (é dogma de fé) é que sempre dá para economizar em qualquer empresa bem dirigida. Assim, colocando-se (é claro) economistas e/ou administradores de empresa tocando ministérios e secretarias de Educação, aproveitando-se melhor o dinheiro, a educação melhoraria muito sem que houvesse necessidade de alocar um orçamento maior.

No outro extremo, aparecem os corporativos, para os quais a solução seria aumentar os salários. Para eles, professores precisam de motivação e motivação é dinheiro vivo, salário no fim do mês e não blá-blá-blá. Já ouvi até argumento segundo o qual a relação do mestre com o seu empregador (mesmo que seja o governo) é baseada na extração da mais valia, o professor é um trabalhador como qualquer outro, e dá-lhe luta de classes em cima.

Nem é necessário dizer que as duas visões, a de economistas e a de corporativos, embora tenham suas virtudes, pecam por um simplismo franciscano em um assunto que é de uma complexidade tomista. Se acrescentarmos a essa discussão rasa e inconsequente os interesses políticos envolvidos na educação (“a educação é uma excelente forma de se chegar às bases”, me garantia um ex-ministro, “já que por meio dos prefeitos de milhares de cidades o governo ganha enorme capilaridade, poder de barganha e votos”), vemos que não vale a pena manter uma rigidez de supostos princípios.

Minha sugestão é simples: que se aproveitem os próximos meses e se faça uma lista de medidas a serem tomadas no espaço de três anos (2012-2014). Para isso será necessário haver uma ampla (mas rápida e objetiva, não estamos decidindo o sexo dos anjos) discussão com todos os setores interessados da sociedade; depois, é tratar de implementar medidas que têm se mostrado vencedoras em vários países onde já foram colocadas em prática, sejam elas (as medidas) da *Bíblia* dos economistas ou do Corão dos corporativos. Ou de nenhum desses livros

sagrados. O Ministério da Educação levaria esse processo para frente (discussão e implementação), com o apoio de secretários estaduais e municipais, assim como dos legislativos. Um papel importante teria que ser desempenhado pelas universidades (aqui eu falo de universidades com pós-graduação, pesquisa de qualidade, corpo docente estável, publicações originais, etc.), assim como pelas entidades representativas de profissionais ligados às disciplinas básicas do ensino fundamental (associações de matemáticos, linguistas, historiadores e geógrafos, por exemplo). Entidades ligadas aos editores, gráficos e fabricantes de papel poderiam colaborar (mesmo porque seriam beneficiados com a colocação de milhões de novos leitores no mercado) e sindicatos de professores, nem se fala.

Não é o caso de apresentar aqui a minha receita de bolo (embora eu esteja disposto a discutir o assunto), mas se até países próximos, como o Chile, conseguiram fazer uma revolução educacional não há motivo para que nós não possamos fazê-la. Nossa situação econômica e demográfica é excepcionalmente favorável. Se não agora, quando?



**ARI CUNHA**  
DESDE 1960

**VISTO, LIDO E OUVIDO**

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## Rebuliço na economia

Faz mais de uma semana que a vida econômica está em rebuliço. Dados oficiais não mostram desenvolvimento na vida financeira, em particular. Agentes de mercado manifestam opinião de que a inflação estará controlada nos meses de junho e julho. Alexandre Tombini, do Banco Central, vai segurar os juros para o controle do dragão. Quando Tombini dá o recado de que é preciso poupar mais e gastar menos, entende-se que o governo precisa recolher os cartões corporativos, diminuir o número de ministérios e começar dando o exemplo para a população que banca a dinheirama mal aplicada e mal gerida. Fiscalização, controle e punição para a verba desperdiçada é o caminho. Há que se honrar as maiores taxas de impostos do mundo. É só observar os passos de tartaruga para as obras dos jogos que estão por vir. Não é segredo que o atraso tem a intenção de superfaturamento. Todos sabem. Afinal, nessa roda de vícios vão ganhar aqueles que bancam as eleições. Aqui entre nós, não são só os eleitores.

### »A frase que não foi pronunciada

“Se tivesse a modalidade de pique esconde, Bin Laden seria campeão olímpico. Dez anos escondido!”

Papo de adolescente debaixo do bloco.

### Curiosidade

» Fazenda de gado ou plantação. No assunto que dominou durante a semana, ninguém falou em fazenda de águas. Replantando o que foi destruído, a natureza devolve o bem mais importante para a sobrevivência do planeta. A água. O *Globo Rural* tem um programa no arquivo sobre o assunto.

### Batalha

» Foi a vez dos auxiliares de ensino. Pelo aumento de salário, a categoria fechou a passagem de caminhão que transportava merenda escolar. Planos para a educação não faltam. Valorizar os trabalhadores da educação não só nos discursos é a esperança da classe, com salário digno, trabalho humanizado, capacitação e atenção à saúde.

### Trabalho

» Impressionante localizar a caixa-preta do avião da Air France. A queda no Oceano Atlântico parecia anular esperanças de encontrar corpos e as informações gravadas. A persistência e a organização venceram.

### Campanha

» O fim da temporada de chuvas causa problemas respiratórios nas crianças da Estrutural. Mesmo com o aumento da poeira, é difícil encontrar moradores interessados em plantar árvores para amenizar a seca e o calor.

### Barbárie

» Depois dos desastres causados pela natureza, há prefeituras que usam o socorro recebido como moeda perante a população que perdeu tudo. Pena que esse tipo de corrupção não seja crime hediondo.

### Bagunça

» Por falar nisso, a oposição

sauí do plenário em protesto à aprovação da MP que autoriza a União a subsidiar com juros menores empréstimos do BNDES para empresas e produtores rurais de cidades atingidas por desastres naturais, em situação de emergência ou de calamidade pública. A oposição criticou a proposta, por tratar de temas diversos, e promete entrar com ação de inconstitucionalidade no STF.

### Novidade

» Pedófilos estão cercados. Autorização judicial a pedido da polícia ou do Ministério Público é suficiente para que policiais se infiltrem na internet à caça dos criminosos.

### Estradas

» Já fora do mundo virtual, as estradas também estão com o policiamento mais ostensivo para impedir a exploração sexual de menores. Mérito dos esforços da CPI no Senado comandada pelo senador Magno Malta.

### Lago Sul

» Hoje, Dia das Mães, homenagem ao médico Vinicius Medina Lopes e à turma que participou da criação do programa da Clínica Verhum. Com descontos para a população carente, o sonho de ser mãe foi possível a muitas mulheres que não podiam pagar pelo tratamento.

### No lixo

» Poderiam ter um fim mais útil os carros apreendidos pelo Detran. Vão para o estacionamento funcionando e ficam ao relento por anos, até perderem a utilidade. Um desperdício evitável.

### » História de Brasília

Na entrada da Superquadra do Iapetc há uma torre de madeira que sustentava as caixas d'água para abastecimento da obra, ao tempo da construção. Acabou-se a obra (bem ou mal) e até hoje está lá a torre, com as caixas d'água viradas, sem utilidade e enfeando o ambiente. (Publicado em 9/4/1961)